

Artigo Científico

Avaliação das Percepções e Necessidades Multiculturais sentidas pelos Militares que participaram de Missões de Paz

Rejane Pinto Costa()*

RESUMO

Este estudo é parte de uma pesquisa de doutorado, mais abrangente, ainda não concluída, que pretende, nos limites deste artigo, promover uma reflexão acerca das percepções e necessidades multiculturais apontadas por militares que participaram de diferentes missões de paz, em momentos e períodos diversificados, para avaliar em que medida a educação multicultural e a educação para a paz podem contribuir para o seu preparo e o seu emprego. Convém ressaltar que o artigo foi apresentado no 52º Congresso Internacional em Educação para o Ensino, na Assembléia Mundial, e na 7ª Conferência Anual de Pedagogia, no período de 16 a 19 de julho de 2007, na Universidade de San Diego, Califórnia, EUA, em 2007, e na Revista Científica do Centro de Estudos de Pessoal (CEP), edição 2008.

Palavras-chave: missões de paz; multiculturalismo; estudos para paz; educação multicultural; educação para paz.

ABSTRACT

This study is part of a broader doctorate research, which has not been concluded yet, that intends, in the limits of this paper, to promote a reflection on the perceptions and multicultural necessities pointed out by military who participated in different peace missions, in diverse moments and periods in order to evaluate in what extent multicultural education and peace education should contribute to their preparation and employment. It is convenient to mention that this paper was presented in the 52nd ICET

World Assembly and 7th Annual Border Pedagogy Conference, in July 16-19, 2007, in the University of San Diego, California, USA.

Key words: peace operation – multiculturalism - peace studies - multicultural education - peace education.

1 INTRODUÇÃO: PERSPECTIVA DO ESTUDO

O novo milênio despontou em meio à expansão da globalização mundial e de seus efeitos nos diversos segmentos sociais. Testemunhamos a onda de terrorismo e de intolerância que assola o mundo, bem como o terror e a ameaça que cercam o Ocidente com a possibilidade de novos ataques, agravados por diferentes tipos de preconceitos contra minorias étnicas e culturais.

A globalização, segundo Hall (2004), entendida aqui como um fenômeno no contexto do qual tendem a ocorrer tanto a desintegração de identidades nacionais quanto o reforço de identidades locais resistentes a ela e, ainda, a possibilidade de formação de novas identidades – híbridas –, vem transformando relações humanas, sociais e culturais e, em conseqüência, disputas entre dimensões globais, nacionais e regionais emergem tanto quanto as questões que as cercam.

A eclosão de conflitos culturais, étnicos e religiosos gerou áreas de atrito de grandes proporções no âmbito dos Estados, fatos esses agravados pelo fim da Guerra Fria, pela queda do Muro de Berlim e pela dissolução da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), provocando a universalização de valores como a democracia e o respeito aos

A autora é Capitão do Quadro Complementar de Oficiais do Exército Brasileiro (QCO), graduada em Letras – Português/Inglês – pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Mestre e doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atualmente é Adjunta da Seção de Pós-graduação e Pesquisa da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (SPG/ECEME). (E-mail: rejpc@uol.com.br)

direitos humanos.

De acordo com Paixão (2006), o término da bipolaridade mundial e da disputa hegemônica entre os Estados Unidos (EUA) e a União Soviética trouxe reflexos imediatos para a atuação da Organização das Nações Unidas (ONU), cujo sistema operacional de segurança coletiva encontra-se comprometido, posto que suas decisões decorrem da unanimidade dos membros permanentes. Tal situação levou pequenas e médias potências a desenvolver instrumentos para induzir aquele organismo a atuar no campo da paz e da segurança internacionais. Dentre esses instrumentos, destacam-se as missões de paz, que levaram o Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU) a deliberar favoravelmente pela sua criação. (PAIXÃO, 2006).

Antes se tratava de tentar manter, mesmo aparentemente, uma situação de estabilidade numa determinada região, com a finalidade de evitar uma escalada que pudesse envolver as grandes potências num conflito de conseqüências imprevisíveis. Agora, trata-se de tentar efetivamente uma solução mais duradoura para os conflitos regionais, de natureza étnica, religiosa ou nacionalista, reforçando o papel da ONU na busca da harmonia mundial. (FREAKLEY; BENSON; RUDESHEIM; BUTCHER, 1999, p.50)

Nesse cenário, o mundo, ou seja, a quase totalidade dos países, começou a sentir a necessidade da construção de uma “cultura da paz” para combater a onda de violência e terrorismo que o assola. Assim, as missões de paz passaram a assumir nova dimensão e maior complexidade.

A Declaração do Milênio, proferida pelas Nações Unidas, em 2000, reafirmou, no alvorecer deste século, a fé na Organização e em seu estatuto, como instâncias indispensáveis para um mundo mais pacífico, próspero e justo, ao mesmo tempo em que alertou para a importância de “[...] tomar medidas para assegurar o respeito e a proteção dos direitos humanos de imigrantes, [...] eliminar o aumento de atos de racismo e xenofobia em muitas sociedades e promover maior harmonia e tolerância em todas as sociedades.” (ONU A/RES/55/2, V/25, 13 de setembro de 2000)¹.

As Nações Unidas declararam o ano de 2000 como o Ano Internacional para a Cultura da Paz (A/RES/52/15, 15 de janeiro de 1998)², promoveram a difusão da Cultura da Paz (A/RES/52/13, 15 de janeiro de 1998)³ e proclamaram o decênio 2001-2010 como a Década Internacional para a Cultura da Paz e a Não-Violência para as Crianças do Mundo (A/RES/53/25, 19 de novembro de 1998)⁴.

Como conseqüência dos fatos ora descritos, teve início uma movimentação global para a cultura da paz, que vem crescendo e ocupando maior espaço, em especial, após as citadas resoluções da ONU, adotadas em Assembléia Geral.

A partir daí, agências e organismos nacionais e internacionais passaram a promover alianças para disseminar a paz ao redor do mundo, em setores diversos e em domínios específicos, que vão desde a promoção da cultura de paz, por meio da educação, até a implantação da paz e da segurança internacionais, com ações de presença.

No Brasil, destacamos a educação multicultural e o conceito que a informa – o multiculturalismo –, que vêm proporcionando caminhos alternativos para combater a construção de diferenças e celebrar, mediante políticas e práticas educacionais, a pluralidade cultural no sentido de promover a convivência pacífica

1 - Disponível em: <http://documents.un.org/mother.asp>. Acesso em: 14 abr. 2008.

2 - Disponível em: <http://documents.un.org/mother.asp>. Acesso em: 14 abr. 2008.

3 - Disponível em: <http://documents.un.org/mother.asp>. Acesso em: 14 abr. 2008.

4 - Disponível em: <http://documents.un.org/mother.asp>>. Acesso em: 14 abr. 2008.

dentro e fora do País. (CANDAU, 2002; COUTINHO, 1996). Da mesma forma, a educação para a paz e os estudos para a paz, conceitos que a iluminam, enfocam a relevância do entendimento mais abrangente dos conflitos, da violência e da ausência da paz, por indivíduos, grupos e nações que buscam a justiça e a liberdade empregando a cooperação mútua.

No campo da segurança, a Política de Defesa Nacional/2005 (PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, 2005) aponta que as sociedades vivem, hoje, desafios mais complexos e que, em conseqüência, “[...] renovaram-se no mundo conflitos de caráter étnico e religioso, a exacerbação de nacionalismos e a fragmentação de Estados, com um vigor que ameaça a ordem mundial” (p. 5).

Sob essa nova configuração, é necessário avaliar a educação dos militares, especificamente daqueles que participam de operações de paz, para verificar se sua formação está atendendo às demandas da pós-modernidade.

A pesquisa que realizamos emerge desse cenário, e irá, a partir das necessidades multiculturais manifestadas pelos militares participantes de missões de paz, avaliar em que medida a educação multicultural e a educação para a paz podem contribuir para sua formação e para seu desempenho no exterior. Assim, o presente estudo busca contribuir para a modernização do sistema de ensino militar, mediante reflexão acerca da necessidade de um comprometimento multicultural que transcenda a fase do preparo dos soldados designados para missões de paz e passe a permear políticas educacionais e práticas curriculares e pedagógicas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO: EDUCAÇÃO MULTICULTURAL E EDUCAÇÃO PARA PAZ

O multiculturalismo, conceito que fundamenta educação multicultural, é definido como um conjunto de respostas à diversidade cultural e ao desafio à construção

das diferenças e preconceitos contra aqueles percebidos como “os outros” em diferentes áreas. (CANEN, 1999, 2000, 2003, 2004, 2007; CANEN; CANEN, 2005b; CANEN; GRANT, 1999; CANEN; PETERS, 2005; McLAREN, 1997).

Esse conceito aparece revestido de várias vertentes e abordagens (McLAREN, 1997) e de distintos sentidos e dilemas (CANEN, 2007; SEMPRINI, 1999; TAYLOR, 1997; TRINDADE, 1999), que se encontram sob tensão provocada por antagonismos como universalismo versus relativismo (VALDÉS, 1997; BATALLA, 1997) e por identidades culturais individuais, coletivas e institucionais (CANEN; CANEN, 2005a).

Compreendido sob diferentes enfoques, o multiculturalismo pode ser interpretado como perspectivas que vão desde a simples aceitação e a valorização folclórica da diversidade cultural até o questionamento da construção da identidade e das diferenças daqueles que compõem o tecido social. Essa abordagem, com todas as implicações, desafios e desdobramentos decorrentes, é conhecida por “multiculturalismo crítico” (McLAREN, 1997, 2000a).

Na área educacional, foco deste estudo, McLaren (2000b) defende a idéia de que a escola tem que se tornar “espaço de integração multicultural, multirracial e multiétnica.” (McLaren, em entrevista concedida ao Jornal do Brasil).

Corroborando, Canen (2000) argumenta que a necessidade de uma educação multicultural pode ser explicada sob três diferentes enfoques:

- 1) um trabalho de sensibilização para a pluralidade de valores e culturas cada vez mais presente nas salas de aula e no dia-a-dia de jovens e educadores, facilitado pelos avanços tecnológicos e pela diluição de fronteiras;
- 2) a necessidade de conscientização do processo de homogeneização cultural promovido pela cultura dominante, consumista e ameaçadora da cultura local; e

3) a superação da visão folclórica e exótica da pluralidade cultural, para além do desenvolvimento de valores de respeito e aceitação, com a qual nos identificamos.

Segundo Canen e Oliveira (2002, p. 43), nesse último enfoque busca-se desenvolver uma consciência crítica acerca das questões atinentes às relações de poder intimamente imbricadas à pluralidade cultural, “[...] de modo que se formem futuras gerações nos valores de [...] desafio a discursos preconceituosos que constroem as diferenças”. Dessa forma, “[...] estaremos alavancando processos [...] significativos e, portanto, com grandes potenciais de sucesso” (op. cit., p. 57), que viabilizem a construção de uma cultura de paz no seio da sociedade.

Os estudos para a paz, conceito que norteia a educação para a paz, concebem que a paz ela não significa apenas a ausência do conflito, mas, num sentido positivo, significa a cooperação entre os indivíduos e grupos para se obter justiça e liberdade.

(ADAMS, 2002; GAULTUNG, 2005, 2006; SWEE-HIN, 1997; PARAJON; LOURENÇO; ADAMS, 1996; WARD, 1999). Tal conceito, da mesma forma que o multiculturalismo, possui diferentes perspectivas que o sustentam, por ser um campo de estudos considerado inter, multi e transdisciplinar, envolvendo processos e estruturas da construção da paz e da diminuição da violência (WEIGERT, 1999). Os estudos para a paz estão, como o multiculturalismo, permeados por diferentes categorias: violência direta e violência estrutural (op. cit.), paz positiva versus paz negativa (GAULTUNG, 1999) e diferentes tipos de justiça - a punitiva, a restaurativa e a transitória - (GAULTUNG, 2005). Se, na era

da Guerra Fria, líderes políticos e acadêmicos acreditavam que era suficiente conceber a paz como aquilo que era assegurado pelo poder da dissuasão, hoje, esse entendimento demanda uma noção muito mais inclusiva, ou seja, de participação nas decisões e de maior igualdade na distribuição das riquezas.

A educação para a paz, de acordo com Swee-Hin Toh (1997)⁵, aponta que, por meio da busca de processos educacionais apropriados, é possível “[...] promover um entendimento crítico das causas dos conflitos, da violência e da ausência de paz no mundo, por meio da diversidade de questões e problemas do nível macro [...] para o micro [...]” (tradução livre) (p. 3). Para o referido autor, por meio do diálogo crítico e de atividades colaborativas, grupos sob conflitos culturais, étnicos e raciais, comunidades e nações, seriam capazes de perceber as raízes ou causas de suas dissensões e cultivar o respeito pelas crenças e tradições na busca da reconciliação.

Sara Clarke-Habibi (2005)⁶, com base em Swee-Hin Toh (1997), ressalta que, embora o discurso acadêmico sobre a educação para a paz reconheça a necessidade de uma abordagem mais holística, uma revisão de projetos de campo revelou as três variações mais comuns sobre a educação para a paz: como treinamento para a resolução de conflitos; como educação para a democracia; e como treinamento de conscientização dos direitos humanos. A referida autora informa, ainda, que, à medida que a educação para paz passa a ser globalmente enfatizada, é necessário questionar qual o tipo de educação para a paz está sendo priorizado, o que está sendo veiculado e se os programas têm sido bem-sucedidos ao disseminar a cultura da paz. Segundo Clarke-Habibi (2005), os que advogam as tendências anteriores podem argumentar que os objetivos da educação para a paz estão fundamentalmente inter-relacionados, “[...] e, de fato, à medida que a

5 - Professor da Universidade de Alberta, Canadá, vencedor do prêmio da UNESCO para a educação para a paz em 2000.

6 - Diretora assistente do Instituto Internacional de Educação para Paz na Suíça e elaboradora instrucional do manual de Currículo de Educação para Paz e materiais de e-learning do Instituto. Foi coordenadora nacional do programa piloto de educação para paz na Bósnia e Herzegovina, de julho de 2000 a janeiro de 2002 e participou, em setembro de 2000, do programa de educação para paz aplicada em seis escolas-piloto, nesses locais, marcados pela destruição causada pela guerra de 1992-1995.

educação para paz se move da periferia para o centro, a combinação de abordagens tem se tornado cada vez mais comum” (CLARKE-HABIBI, 2005, p.36).

3 - PERCURSO METODOLÓGICO

O presente trabalho encontrou na pesquisa qualitativa o percurso metodológico para atingir seu objetivo, o qual se deu por meio de dois estudos de caso: as percepções e as necessidades multiculturais sentidas pelos militares em missões de paz; e o Centro de Instrução de Operações de Paz (CI Op Paz)⁷, este não apresentado aqui. Esses dois estudos foram fundamentados em análise documental (DENZIN; LINCOLN, 1994; ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNADJER, 1998) e em entrevistas semi-estruturadas (TRIVINOS, 1995) e abertas (ANDRÉ, 2002).

A técnica da entrevista, segundo Thiollent (1987), especialmente relevante para a pesquisa no campo educacional, permite (re)conhecer as diferentes perspectivas e as diferentes vozes dos atores e dos agentes da investigação. Essa técnica de investigação, além de incorporar uma maior proporção de perguntas livres, “[...] é concebida como meio de aprofundamento qualitativo da investigação.” (Op cit., p.80).

A partir desse referencial metodológico, as entrevistas foram realizadas com militares de contingentes e estados-maiores, hierarquicamente diversificados por cargos, funções e participações, bem como de diferentes missões de paz que ocorreram em momentos e períodos distintos: Missão de Verificação das Nações Unidas para Angola (UNAVEM III), de 1995 a 1997; Força de Proteção das Nações Unidas na Antiga Iugoslávia (UNPROFOR), de 1992 a 1995; e Missão das Nações Unidas para Estabilização no Haiti (MINUSTAH), de 2004 a 2008. Essa diversidade teve por propósito conhecer as percepções, necessidades e desafios multiculturais enfrentados pelos militares, quando atuaram em operações de paz com cenários socioculturais, étnicos e religiosos diferentes daqueles em que foram formados.

Cumprido ressaltar que os discursos dos responsáveis pelo preparo desses militares, no CI Op Paz, foram também considerados na pesquisa, para facultar o cruzamento com as informações coletadas nessas entrevistas, não constituindo, entretanto, foco deste artigo.

A análise documental, segundo Alves-Mazzotti e Gewandszadjer (1998), pode ser combinada com outras técnicas de coleta para checar e/ou complementar dados obtidos, e a interpretação de seu conteúdo não pode prescindir de informações tais como: instituição ou responsável pela elaboração da documentação analisada; procedimentos e/ou fontes utilizados; propósitos estabelecidos. (BECKER, 1997 apud ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNADJER, 1998).

Apoiada nessas orientações, a análise documental realizada forneceu a informação necessária para que se verificasse em que extensão o CI Op Paz contempla as necessidades multiculturais apontadas pelos militares em seus discursos e relacionadas à importância de interação com diferentes nacionalidades, culturas, valores e linguagens presentes em operações de paz. A referida análise permitiu, ainda, verificar em que medida o Centro está comprometido com a educação multicultural e a educação para a paz, no bojo da formação e do preparo dos “soldados da paz”.

Entretanto, conforme já mencionado, não é objetivo deste artigo a avaliar o CI Op Paz, mas, sim, a influência da educação multicultural e da educação para a paz no preparo dos militares para missões de paz, a partir das percepções e das necessidades multiculturais narradas.

4- PERCEPÇÕES, NECESSIDADES E DESAFIOS DOS MILITARES EM MISSÕES DE PAZ

Trinta e três entrevistas foram consideradas na pesquisa. Dez, oriundas de contato direto com os investigados, e vinte, fruto de visita realizada ao Centro de Instrução de Operações de Paz, ocasião em que se tomou conhecimento de que, durante o

7 - Estabelecimento de ensino do Exército, responsável pelo preparo de militares para missões de paz.

período de transição de Núcleo (Nu CI Op Paz) para Centro (CI Op Paz), esse estabelecimento de ensino ouviu vinte militares, que participaram de missões de paz, como subsídio para compor o programa e a grade curricular de seus cursos e estágios. Nessa oportunidade, foi assinalado pelos oficiais da Divisão de Ensino do CI Op Paz que o fator cultural foi apontado por todos como aspecto crítico, o que corroborou e enriqueceu a investigação. Ressalte-se que as três últimas entrevistas deixam de ser aqui abordadas por não constituírem foco do presente artigo.

As dez entrevistas anteriormente mencionadas envolveram militares de contingentes e de estados-maiores que atuaram na UNAVEM III, Angola, na UNPROFOR, Bósnia - Herzegovina, e na MINUSTAH, Haiti. As outras vinte, também citadas, foram realizadas apenas com contingentes de diferentes missões de paz.

As declarações transcritas a seguir apresentam as maiores dificuldades e os principais desafios enfrentados pelos soldados da paz durante a missão. Por uma questão de privacidade, os nomes dos entrevistados não estão expostos neste trabalho.

A entrevista foi iniciada com a pergunta: “como foi conviver com colegas de outras culturas e em país, também, de outra cultura?”.

Nas respostas, ficou evidenciado que os militares brasileiros, embora possuam capacidade de adaptação a cenários culturalmente diferenciados, se ressentem da falta de uma educação que lhes proporcione um embasamento mais efetivo acerca das questões culturais que permeiam as missões de paz.

A capacidade de adaptação fica evidente, por exemplo, nas seguintes respostas:

Então, você tem que aprender a lidar com isso [as diferenças culturais], normal.

Então, como disse, a nossa capacidade de adaptação [do militar brasileiro] ela é muito grande [...]. (militar 1, da MINUSTAH)

A gente não tem esse tipo de problema [lidar com o diferente]. Existem fatores impeditivos para trabalhar juntos. Como lidar com as dificuldades culturais é tão importante quanto a língua. (militar 2, da UNPROFOR)

O latino, principalmente o brasileiro, tinha um jeito melhor para lidar com as diferenças. (militar 2, da UNPROFOR)

Eu, particularmente, não tive nenhum problema com as pessoas ou com a cultura de lá. Sempre procurei me adaptar a mudanças e sempre procurei o entrosamento com as pessoas de lá, que estavam à minha volta. Mesmo sem falar francês não houve dificuldade em manter contato com os haitianos que trabalhavam na base. (militar 3, da MINUSTAH)

Foi engrandecedor. Acho que a palavra mais correta é esta. As experiências com companheiros de outras nações foram fantásticas. Na oficina éramos procurados por companheiros do Peru, da Bolívia, do Chile e outros para ajudá-los com empréstimos de ferramentas e de material e, assim, conversávamos e trocávamos conhecimentos. [...] Estou certo de que a convivência com companheiros de outras culturas foi a melhor parte da missão. (militar 3, da MINUSTAH)

Foi uma experiência enriquecedora, pois tive a oportunidade de conviver com várias culturas distintas, como por exemplo, nigerianos, chineses, paquistaneses, chilenos, bolivianos, peruanos, dentre outros. (militar 6, da MINUSTAH)

Uma coisa que nos auxilia muito é a nossa própria formação cultural aqui no País, que já é um pouco mais maleável. Então, nós aprendemos toda aquela “plasticidade

portuguesa”, desde a sua colonização. Nós adquirimos muito essa plasticidade, essa miscigenação de raças. (militar 7, da UNAVEMIII)

Com o intuito de confirmar a percepção acerca da necessidade de um preparo multicultural, foi perguntado quais as maiores dificuldades encontradas em missões de paz e se algumas dessas dificuldades tinham a ver com o fato de se lidar com culturas diferentes; que tipo de treinamento poderia facilitar ou tornar menos difícil o trato com culturas diferentes; e que estratégias poderiam ser desenvolvidas para minimizar tais dificuldades. Transcrevemos abaixo, as respostas julgadas mais pertinentes com o estudo:

No comando da MINUSTAH você tem mais de 20 países diferentes; são várias pessoas e mais de 20 países diferentes, de culturas extremamente diferentes. Como nós falamos aqui, a muçulmana, a católica, a protestante etc. e se você não tiver esse respeito, e que a ONU prima por esse respeito, ela divulga essa questão do respeito, realmente é muito difícil de você conviver. Mas eu acharia interessante se a gente pudesse, desde já, independente da missão de paz, trabalhar esses conceitos, porque é uma realidade que você só vem trabalhar quando vai para a missão. Porque quando você está fora da missão você não sabe, você não conhece, você não tem muita... [experiência], você vê alguma coisa, porque todo mundo lê, vê televisão, mas você não tem o contato, você só vai ter lá. Então eu acharia interessante se nós pudéssemos, desde já, assim como idioma, ter algum tipo desse contato, intercâmbios, reuniões, multiculturais, que aí seriam interessantes. Aí que eu estou querendo chegar, porque você já teria

gente, já, digamos, vendo isso como uma coisa normal. (militar 1, da MINUSTAH)

A necessidade de estarmos prontos para operar com tropas de diferentes países, conseqüentemente, de diferentes culturas, porque a globalização, hoje, está aí, as missões de paz, elas estão dentro deste contexto, de globalização e um país quando envia o seu exército, os seus militares para integrar um corpo de missão de paz, junto com outros países, não pode se arriscar a não pensar nessa pluralidade cultural, que pode passar a ser um grande problema para o desempenho do militar e, conseqüentemente, pode vir a arranhar a imagem do país que se faz representar lá fora. Então, é muito importante considerar que esta pluralidade cultural vai nos trazer, certamente, grandes benefícios, mas, pode representar grande óbice, também, para o bom relacionamento, o entendimento em relação a essas referências [culturais] pode não se dar, adequadamente e, aí, as coisas podem ser mais difíceis. (militar 4, da MINUSTAH)

O conhecimento da história, cultura e costumes do país. [...] Durante o preparo, a tropa conhecer um pouco da cultura dos países que fazem parte da missão, para não se surpreender com situações constrangedoras para nossa cultura, como por exemplo, homens andando de mãos dadas na base, no caso dos nepaleses. (militar 6, da MINUSTAH)

[Creio que houve] Erro na preparação no Brasil. Tirar uma foto do pessoal que vai trabalhar contigo, alertar para as peculiaridades. Traçar um perfil do povo. (militar 2, da

UNPROFOR)

Então, como disse, a nossa capacidade de adaptação [do militar brasileiro] ela é muito grande, o pessoal se adapta, mas vai se adaptar lá. É isso que eu estou querendo... aí que eu estou querendo chegar, vai se adaptar lá, entendeu, e não já chegar [...] com isso aí já tudo pronto. (militar 1, da MINUSTAH)

Você conhecer essa realidade, realmente facilita muito, mas não foi falado. Foi falado, mas uma coisa é você falar, outra coisa é você viver aquilo. É mais ou menos igual ao idioma. Uma coisa é você estudar para fazer uma prova, a outra é você estar no dia-a-dia falando, usando aquele idioma para você se expressar. É outra coisa, totalmente diferente. Então se puder fazer essa preparação [...] excelente, que já chega todo mundo lá já, sem traumas, sem estresse, entendeu, porque senão você ouve falar, mas só vai viver quando chegar lá, que aí é outra coisa diferente. (militar 1, da MINUSTAH)

Orientação específica de negociação, técnicas de negociação não foram passadas e são fundamentais a esse tipo de processo. (militar 7, da UNAVEM III)

A partir dessas respostas, pode-se inferir que as dificuldades de atuação em ambiente pluricultural seriam minimizadas caso os militares, ao invés de aprender apenas na prática, sejam previamente sujeitos a cursos/estágios que os preparem para lidar com o fator cultural e todas as questões nele imbricadas.

Canen & Canen (2005a), falando sobre o trabalho em contextos culturais novos para aqueles que atuam em determinada organização, mencionam que, muitas vezes,

ocorrem “[...] choques culturais que podem prejudicar as relações e a produtividade organizacional. Estes choques se dão quando os sujeitos são confrontados com o desconhecido e com o 'estrangeiro'” (p. 42), que é o caso específico dos militares que atuam em operações de paz. Confrontos dessa natureza podem ser observados quando, ao falar da convivência com o povo do Senegal e da Jordânia, de cultura muçulmana, o militar 1 assim se expressou:

Sempre tem um choque [cultural], não adianta. [...] Não houve assim atritos, não houve atritos, mas houve o estranhar da cultura. Isso aí houve, mas é a coisa assim bem, bem forte, então, por exemplo, a mão esquerda para eles [para os muçulmanos] é impura. Aí se você faz um aceno com a mão esquerda eles não respondem. Eles têm aquela coisa do beijar, para eles é normal. Entre homens e mulheres não tem isso [...], mas na nossa cultura já não é. [normal].

Em outras conversas com outras pessoas, a gente ficou sabendo que sim [que há atritos culturais] que sempre houve ou sempre havia uma diferençazinha de cultura, de uma forma de proceder. [...] Sempre choca [o contato com diferenças culturais], então, como disse, a Jordânia trabalhou muito com o batalhão brasileiro, então tinham culturas diferentes, maneiras diferentes, por exemplo, a coisa da reza deles, eles têm reza cinco vezes ao dia e param o que estão fazendo e vão rezar. É uma coisa cultural deles, mas às vezes isso aí choca a gente, às vezes o cara tem uma coisa para fazer, tem tal coisa, e fala: agora é hora de rezar. Então você tem que aprender a lidar com isso.

As respostas apresentadas permitem concluir que, de fato, o militar brasileiro tem grande capacidade de adaptação, entretanto, se ressentido da falta de uma preparação que o habilite, efetivamente, para o convívio com culturas diferentes.

A implementação, ainda no Brasil, de um estudo sustentado cientificamente e sistematizado nesse sentido redundaria em maior facilidade de adaptação e de convivência pacífica do brasileiro com práticas culturais distintas, o que contribuiria para otimizar o sucesso da missão. (CANEN; COSTA, 2007).

5 BALANÇO FINAL

A pós-modernidade trouxe mudanças estruturais de caráter cultural, de classe, de sexualidade, de etnia, de raça e de nacionalidade, com fronteiras menos definidas, diferentemente da sociedade moderna, que tinha uma identidade bem delimitada e localizada no mundo social e cultural. (HALL, 2004).

A partir desse contexto, torna-se relevante refletir e (re) avaliar a formação do militar, em especial, daquele designado para operações de paz.

A avaliação das manifestações dos participantes nesse tipo de missão mostrou que os soldados da paz se ressentem da falta de um trabalho multicultural mais efetivo em seu preparo.

Entende-se que a educação multicultural e a educação para a paz, bem como os conceitos que as informam, podem contribuir para preparar militares comprometidos com as demandas pós-modernas, nas diversas áreas de atuações, particularmente porque o multiculturalismo preconiza o respeito às identidades individuais, coletivas e institucionais.

Assim, não se pretende questionar os valores que delinham e definem a identidade

institucional e cultural do Exército Brasileiro. Pelo contrário, busca-se, respeitando-os e preservando-os, agregar melhorias e desenvolver atitudes necessárias na contemporaneidade, uma vez que, de fato, a questão cultural hoje vem sendo, cada vez mais, objeto de discussões no meio acadêmico civil e militar.

O Seminário de Ciências Humanas, ocorrido no Centro de Estudos de Pessoal (CEP) em 2008, corrobora esse fato quando aponta que o fator cultural está entre os principais motivos de estresse nas operações de paz e que, assim, deve ser considerado no preparo e no emprego dos soldados designados para ela designados.

A reflexão que se quer fomentar é se o preparo para lidar com questões culturais não deveria transcender os cursos e estágios preparatórios específicos e passar a permear políticas e práticas curriculares e pedagógicas do Sistema de Ensino do Exército, porque, afinal, o mundo pós-moderno impõe demandas que trazem reflexos imediatos para os diferentes segmentos e atores sociais.

É de se inferir que somar à experiência diplomática e à tradição brasileira de solução pacífica de conflitos a educação sistematizada e fundamentada pelos conceitos do multiculturalismo e dos estudos para a paz, pode traduzir-se em mais uma estratégia para a projeção internacional do Brasil, capaz de consolidar, também, por meio da participação em missões de paz, o peso específico do País no entendimento e nas negociações multilaterais.

REFERÊNCIAS

ADAMS, D. Global Movement for a Culture of Peace 2000. In: The American peace movements. New Haven CT: Advocate

Press, p. 19-21, 2002. Disponível em: <<http://www.culture-of-peace.info/apm/chapter7-19.html>>. Acesso em: 17 abr. 2008.

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNADJER, F. O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Pioneira, 1998.

ANDRÉ, M.E.D.A. Etnografia da prática escolar. Campinas: Papirus, 2002.

BATALLA, G.B. Implicaciones éticas del sistema de control cultural. In: OLIVE, L. (Ed.). Ética y diversidad cultural. Bogotá: Fondo de Cultura Económica, p. 195-204, 1997.

BRASIL. Presidência da República. Política de defesa nacional, 2005.

CANEN, A. Multiculturalismo e formação docente: experiências narradas. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 89-102, 1999.

CANEN, A. Educação multicultural, identidade nacional e pluralidade cultural: tensões e implicações curriculares. Cadernos de Pesquisa, n. 111, p. 135-149, 2000.

CANEN, A. Child education and literacy learning for multicultural societies: the case of the Brazilian national curricular references for child education. Compare, v. 33, n. 2, p. 251-264, 2003.

CANEN, A. Institutional evaluation, knowledge and multiculturalism: some ways ahead in Brazilian higher education, current issues. Comparative Education (cice), v. 6, n. 1, 2004. Disponível em: <<http://www.tc.columbia.edu/cice/articles/ah161.htm>>. Acesso em: 01 maio 2006.

CANEN, A. O multiculturalismo e seus dilemas: implicações na educação. Comunicação e Política, v. 25, n. 2, p. 91-107, 2007.

CANEN, A.; CANEN, A. G. Organizações multiculturais: logística na corporação globalizada. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2005a.

CANEN, A.; CANEN, A. G. Rompendo fronteiras curriculares: o multiculturalismo na

educação e outros campos do saber. Currículo sem fronteiras, v. 5, n. 2, p. 40-49, jul./dez. 2005b.

CANEN, A.; GRANT, N. Intercultural perspective and knowledge for equity in the Mercosul countries: limits and potentials in educational policies. Comparative Education, v. 35, n. 3, p. 319-330, 1999.

CANEN, A.; OLIVEIRA, A. M. Multiculturalismo e currículo em ação: um estudo de caso. Revista Brasileira de Educação, n. 21, p. 61-74, 2002.

CANEN, A.; COSTA, R. P. Multicultural education and peace studies: the need for a dialogue in teacher education. 2007. Trabalho apresentado no International Council on Education for Teaching: ICET's 52nd World Assembly & 7th Annual Border of Pedagogy, San Diego, California, EUA, 2007.

CANEN, A.; PETERS, M. A. Issues and dilemmas of multicultural education: theories, policies and practices. Policy Futures in Education, v. 3, n. 4, 2005. Disponível em: <<http://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&lr=&q=CANEN+%26+PETERS%2C+2005&btnG=Pesquisar&lr=>>> Acesso em: 17 abr. 2008.

CANDAU, V. M. F. Sociedade, cotidiano escolar e cultura(s): uma aproximação. Educação & Sociedade, CEDES, Campinas, v. XXIII, n. 79, p. 125-161, 2002.

CLARKE-HABIBI, S. Transforming worldviews: the case of education for peace in Bosnia and Herzegovina. Journal of Transformative Education, v. 3, n. 1, p. 33-56, 2005. Disponível em: <<http://jtd.sagepub.com/cgi/reprint/3/1/33>>. Acesso em: 17 abr. 2008.

COUTINHO, J. M. Por uma educação multicultural: uma alternativa de cidadania para o século XXI. Ensaio Avaliação e Políticas Públicas em Educação, v. 5, n. 17, p. 477-494, 1996.

FREAKLEY, B. C.; BENSON, K. C. M.; RUDESHEIM, F. S.; BUTCHER B. J. Adestramento para operações de manutenção da paz. Military Review, Kansas, v. LXXIX, n. 2, p. 50-61, 2º quadrimestre/1999.

GALTUNG, J. Peace studies: a ten point primer. Conferência na Nanjing University, Nanjing, China, 2005. Disponível em: <http://www.transnational.org/SAJT/tff/people/j_galtung.html> Acesso em: 01 abr. 2006.

GAULTUNG, J. Transcender e transformar: uma introdução ao trabalho de conflitos. Tradução: Antonio Carlos da Silva Rosa. São Paulo: Palas Athena, 2006.

HALL, S. A Identidade cultural na pós-modernidade. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 9. ed. rev. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

MCLAREN, P. Multiculturalismo crítico. São Paulo: Cortez, 1997.

MCLAREN, P. Multiculturalismo revolucionário. Porto Alegre: ArtMed, 2000a.

MCLAREN, P. [Opinião sobre a globalização e exclusão na escola]. Rio de Janeiro, 2000. Entrevista concedida a Eliane Bardanachvili, ao Jornal do Brasil, em 17 set. 2000b.

O'CONNELL, J.; WHITBY, S. Constructing and operating a Department of Peace Studies at the University of Bradford: a reflection on experience between 1973 and 1985. Disponível em: <<http://www.bradford.ac.uk/acad/peace/about/history.pdf>>. Acesso em: 09 jun. 2008.

PAIXÃO, S. R. B. Operações de paz: uma questão de legitimidade. PADECEME: Revista Científica da ECEME, Rio de Janeiro, n. 13, p. 84-99, 3º quadrimestre/2006.

PARAJON, F. L.; LOURENÇO, M.; ADAMS, D. The UNESCO culture of peace programme in El Salvador: an initial report. The International Journal of Peace Studies, v. 1, n. 2, jul. 1996. Disponível em: <http://www.gmu.edu/academic/ijps/vol1_2/cover1_2.htm>. Acesso em: 01 maio 2006.

EMPRINI, A. Multiculturalismo. Bauru: EDUSC, 1999.

SWEE-HIN, T. Education for peace: towards a millennium of well-being. 1997. Trabalho apresentado na International Conference on Culture of Peace and Governance, Maputo, Moçambique, 1997. Disponível em:

<<http://www.peace.ca/educationforpeace.htm>>. Acesso em: 14 maio 2008.

TAYLOR, C. Multiculturalismo. Lisboa: Piaget, 1997.

THIOLLENT, M. J. M. Crítica metodológica, investigação social e enquete operária. São Paulo: Polis, 1987.

TRINDADE, A. (Org.). Multiculturalismo: mil e uma faces da escola. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

TRIVINOS, A. N. Introdução à pesquisa em ciências sociais. São Paulo: Atlas, 1995.

VALDÉS, E. G. El problema ético de las minorías étnicas. In: OLIVE, L. (Ed.), Ética y diversidad cultural. Bogotá: Fondo de Cultura Económica, p. 31-58, 1997.

WARD, A. Construção da paz para uma cultura de paz. Amsterdam, 1999. Tese (Doutorado em Relações Internacionais)-Universidade de Amsterdam, 1999. Disponível em: <<http://www.peace.ca/cultureofpeacethesis.htm>>. Acesso em: 19 nov. 2005.

WEIGERT, K.M. Moral Dimensions of Peace Studies: a case for service-learning. In: WEIGERT, K.M.; CREW, R. J. (Orgs.). Teaching for justice: concepts and models for service-learning in peace studies. Washington DC: American Association for Higher Education p. 9-22, 1999. Disponível em: <http://eric.ed.gov/ERICDocs/data/ericdocs2sql/content_storage_01/0000019b/80/16/d4/43.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2008.